

**Efeitos do encontro com o sexual na psicose:
um estudo de Freud a Lacan**

*Cláudia Mara Oliveira Richa**

RESUMO:

Este artigo se propõe a investigar as conseqüências da carência simbólica na psicose no tocante ao sexual, principalmente no que se refere ao posicionamento do sujeito na partilha dos sexos, ao corpo, aos encontros com o sexual. Por outro lado, procura-se dimensionar os possíveis recursos e saídas que o sujeito encontra em sua própria condição estrutural, permitindo-lhe suprir tal carência, o que lhe confere a possibilidade de conquistar um apaziguamento de sua errância em relação a sua não inscrição sexual.

Palavras-chave: Psicose. Sexual. Encontro.

* Psicanalista do CAPS CASAVIVA- Jf-MG, mestre em psicologia e psicanálise pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-Mail: claudiamara@oi.com.br

1. A CONCEPÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE COMO CAUSA DESENCADEADORA DA PARANÓIA: UM ESTUDO FREUDIANO

Compete ao futuro decidir se existe mais delírio em minha teoria do que eu gostaria de admitir, ou seja, se há mais verdade no delírio de Schreber do que outras pessoas estão por enquanto preparadas para acreditar. (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 104)

A hipótese da relação entre paranóia e homossexualidade aparece no estudo freudiano, em 1908, em carta a Jung e a Ferenczi, na qual Freud pede e recebe confirmação de seus colegas sobre esta hipótese, pois era inegável, para os estudiosos da época, o grande número de casos de paranóia em que se percebiam manifestações de ordem homossexual. Porém, é três anos mais tarde, em 1911, apoiado no relato das Memórias de Schreber, que Freud (1976 [1911], v. XII, p. 15) vem publicar, pela primeira vez, sua teoria que apontava ser a defesa frente a uma fantasia homossexual o fator precipitador do delírio paranóico. Também, nesta ocasião, afirma que "uma disposição semelhante teria que ser atribuída aos pacientes que sofrem da demência precoce de kraepelin ou de (como Bleuler a denominou) esquizofrenia" (Ibid., p. 85):

Duvidando da minha própria experiência no assunto, durante os últimos anos reuni-me aos meus amigos C. G. Jung, de Zurique, e Sándor Ferenczi, de Budapest, para pesquisar, sob esta única característica, certo número de casos de distúrbio paranóide que tinha estado sob observação. [...] ficamos estupefactos ao descobrir, que em todos esses casos, uma defesa contra o desejo homossexual era claramente identificável no próprio centro do conflito subjacente à moléstia, e que fora numa tentativa de dominar uma corrente inconscientemente reforçada de homossexualismo que todos eles haviam fracassado. (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 81-82).

No artigo intitulado "Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia", Freud se dedicará ao estudo das Memórias de Schereber (Ibid.). De forma diferente dos demais casos clínicos de Freud, o caso Schreber não é uma narrativa advinda da

interpretação de um processo analítico, mas a tentativa da análise de um relato autobiográfico de um sujeito, que, através da escrita de suas memórias, ocupa a posição de autor, a fim de denunciar para o mundo a complexidade do seu sofrimento e sua tentativa de cura e de restabelecimento pelas vias da construção de seu delírio.

Nesse artigo, de 1911, Freud (1976 [1911], v. XII, p. 62) irá destacar como causa ativadora da doença de Schreber a irrupção de um impulso homossexual, dirigido, desde o início, ao seu médico Flechsig, sendo que suas lutas contra esse impulso libidinal produziram o conflito que deu origem a produção delirante. Passo a descrever, agora, os caminhos que levaram Freud, baseado nos depoimentos de Schreber, a consolidar suas convicções sobre a etiologia da paranóia.

Doutor em direito, Daniel Paul Schreber era considerado um homem de dotes mentais superiores, sendo muito respeitado em seu meio. Sofreu no decorrer dos anos de 1884 e 1885, sua primeira crise de distúrbio nervoso, classificada como "hipocondria" (Ibid., p. 60) que transcorreu sem maiores incidentes, passando seis meses internado na Clínica da Universidade, em Leipzig. Nessa ocasião, Flechsig atuou como seu médico e Schreber manteve com este fortes sentimentos cordiais. Após seu restabelecimento, sentiu-se muito grato em relação ao seu médico, por este lhe ter tratado com tamanho sucesso. Tal gratidão também é manifestada na conduta de sua mulher, que mantém um retrato de Flechsig, durante anos, em sua escrivania, por este lhe ter restituído o marido. Apesar de Freud (Ibid. p. 61) não conseguir nenhuma explicação das causas desta primeira doença, acha interessante observar o lugar de destaque ocupado por Flechsig, neste momento, para Schreber.

Após essa primeira crise, transcorram oito anos sem a aparição de nenhum quadro sintomático. Schreber, nessa época, julga-se feliz, sendo incomodado apenas pela frustração de não ter realizado a paternidade em seu matrimônio. Em junho 1893, Schreber é nomeado para o cargo de juiz presidente do Tribunal de Apelação de Dresden e no intervalo entre sua nomeação e posse (em outubro do mesmo ano), sonha repetidamente que seu antigo distúrbio nervoso havia retomado. Certa vez, entre o estado de sono e vigília, é avassalado por uma fantasia de que "afinal de contas deveria ser bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula" (Ibid. p. 61). Freud, nesse ponto, interpreta que os sonhos e as fantasias são comunicados por Schreber em sucessão imediata, o que o leva a inferir que a rememoração da doença trazia-lhe uma lembrança de seu médico e que a atitude feminina que assumiu na fantasia foi dirigida, desde o início, a ele. Schreber reage a essa fantasia de feminilização com um repúdio indignado.

A segunda enfermidade de Schreber manifestou-se em fins de outubro de 1893, com um acesso de insônia, que o levou novamente para a clínica Flechsig no mês de novembro. Em fevereiro de 1894 (ainda internado), tem um novo colapso nervoso que ocorre, em uma noite, durante uma curta viagem de sua mulher, quando é invadido por diversas ejaculações, o que é interpretado por ele como o que determinou seu colapso nervoso. "O que determinou particularmente meu colapso mental foi uma noite específica, durante a qual tive um número extraordinário de emissões - positivamente meia dúzia, todas naquela noite". (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 64). Freud (Ibid., p. 65) presume que, sem o suporte da presença da esposa, que servia como protetora contra a homossexualidade, estas ejaculações eram acompanhadas de fantasias homossexuais que permaneceram inconscientes.

A partir dessa noite, em que ocorreram as ejaculações observa-se a eclosão da psicose de Schreber - que traz a vivência do "crepúsculo do mundo" (Ibid., p. 92). Expressa idéias hipocondríacas, queixa-se de que tinha um amolecimento do cérebro, acredita-se morto e em decomposição, sendo seu corpo manejado de maneira mais revoltante e abusiva, este quadro era acompanhado de alucinações auditivas e visuais, caracterizando o momento esquizofrênico de sua paranóia. Acrescentam-se idéias de perseguição, julgava-se perseguido principalmente por seu médico a quem chamava de "assassino de almas". Diante deste quadro, em junho de 1894, Schreber é removido para o Asilo Sonnenstein, onde permaneceu até escrever suas Memórias, recebendo alta judicial em julho de 1902.

No desencadeamento da psicose de Schreber, em sua primeira fase, o que se observa, é que apesar de suas tentativas contrárias e repudiosas contra as fantasias homossexuais, estas não retrocedem, pelo contrário, manifestam-se em uma verdadeira imposição de transformação em mulher, que Schreber passa a experimentar em seu corpo e em suas vísceras. Pela via da construção de um delírio persecutório, Schreber passa a atribuir essa emasculação imposta, sentida no real de seu corpo, a uma conspiração, perseguição e grave injúria que era lhe dirigida, proveniente de seu médico Flechsig. O conteúdo de seu delírio persecutório era que sua alma deveria ser entregue a ele, enquanto seu corpo deveria ser transformado em um corpo feminino, e como tal entregue ao homem em questão para fins de abusos sexuais, como o de uma devassa, o que seria "contrário à Ordem das Coisas (isto é, para as satisfações dos apetites sexuais de um indivíduo)" (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 35). Freud cita Schreber:

Desse modo, uma conspiração contra mim foi levada ao ponto culminante (por volta de março ou abril de 1894). Seu objetivo era conseguir que, uma vez minha doença nervosa houvesse sido reconhecida como incurável ou assim admitida, eu fosse entregue a certa pessoa, de maneira específica: minha alma deveria ser-lhe entregue, mas meu corpo - devido a uma má compreensão [...] da Ordem das Coisas - deveria ser transformado num corpo feminino e como tal entregue à pessoa em apreço com vistas a abusos sexuais, e então simplesmente seria "deixado de lado" - o que indubitavelmente significa ser entregue a corrupção. (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 34)

Freud apreende a questão homossexual manifesta no delírio persecutório de Schreber e a coloca como causa da eclosão do delírio paranóico. A interpretação freudiana é que: a fim de defender-se de uma fantasia homossexual inadmissível o sujeito reage com o delírio persecutório. O despertar desta fantasia homossexual encontrar-se-ia na origem do mecanismo projetivo e da construção delirante. A pessoa anteriormente amada e honrada passa a ser odiada e temida e em seguida se transforma no perseguidor:

A causa ativadora da enfermidade foi o aparecimento de uma fantasia feminina (isto é homossexual passiva) de desejo, que tomou por objeto a figura do médico. Uma resistência intensa a esta fantasia surgiu por parte da personalidade de Schreber, e a luta defensiva que se seguiu, e que talvez pudesse ter assumido uma outra forma, tomou, por razões que nos são desconhecidas, a forma de delírio de perseguição. A pessoa porque agora ansiava tornou-se seu perseguidor, e a essência de sua fantasia de desejo tornou-se a essência da perseguição. Pode-se presumir que o mesmo delineamento esquemático torna-se aplicável a outros casos de delírio de perseguição (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 66)

Freud vai recorrer ao conceito de narcisismo, para tentar tornar compreensível a origem do desejo homossexual na paranóia (Ibid., p. 83). O conceito de fixação, que opera como um ponto disposicional, trabalhado nos "Três ensaios sobre Teoria da Sexualidade" é retomado, neste momento, a fim de explicar a origem da homossexualidade, característica da paranóia. A homossexualidade decorreria de uma fixação no narcisismo, que opera como uma disposição para a enfermidade posterior. A fixação no narcisismo dá forma à alienação psicótica, caracterizada pelo desinvestimento libidinal dos objetos do mundo externo e retorno da libido ao eu.

No exemplo de Schreber, o amor por Flechsig se caracterizaria, enquanto um retorno, mais precisamente, a uma regressão à homossexualidade sublimada do narcisismo, retorno, este, que seria desencadeado por uma frustração. Percebe-se a tríade fixação, frustração, regressão como processos sucessivos para explicar a explosão da libido

homossexual responsável pela eclosão da paranóia. E Freud (Ibid., p. 85) assegura que no que toca a psicose, tanto na paranóia quanto na esquizofrenia, o ponto fraco do desenvolvimento deve ser procurado em algum lugar entre os estágios de auto-erotismo e narcisismo, sendo que a disposição para a enfermidade deve ser localizada nesta região. Percebe-se, desta forma, que além do narcisismo ser um conceito crucial na evolução da metapsicologia freudiana, também é crucial no que toca à formação da teoria das psicoses:

Essa fase do narcisismo, eqüidistante entre o auto - erotismo e o amor objetal pode, talvez, ser indispensável normalmente; mas parece que muitas pessoas demoram-se por tempo inusitadamente longo nesse estado e que muitas de suas características são por elas transportadas para os estágios posteriores de seu desenvolvimento. [...] As pessoas que se tornaram homossexuais manifestas mais tarde, nunca se emanciparam pode se presumir, da condição obrigatória de que o objeto de sua escolha deve possuir órgãos genitais como os seus. [...] Em meus Três Ensaio da Teoria da Sexualidade, expressei minha opinião que cada estágio do desenvolvimento da psicosexualidade fornece uma possibilidade de "fixação" e, assim, de ponto disposicional. As pessoas que não se libertaram completamente do estágio de narcisismo - equivale a dizer, têm neste ponto uma fixação que pode operar como disposição para a enfermidade posterior (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 83-84).

No que se refere às mudanças de orientação da relação com o outro, que se observa na formação do delírio de Schreber e também nas demais formas de construção delirante da paranóia, Freud emprega a forma de dedução gramatical, ou seja, os diferentes meios de negar a proposição única que expressa a tendência homossexual: "eu (um homem) o amo (um homem)" (Ibid., p. 85). Pode-se, assim, distinguir quatro grandes tipos de delírios paranóicos, conforme seja negado: o verbo, o objeto, o sujeito, ou a sentença como um todo.

O delírio de perseguição inverte o amor em ódio, contradizendo o verbo da frase, eu não o amo, eu o odeio. Porém, esta negação não basta para consumir o processo defensivo e o que opera, é o mecanismo fundamental da paranóia: que é a projeção. Na projeção, "uma percepção interna é suprimida e, seu conteúdo, após sofrer certo tipo de

deformação, ingressa na consciência sob a forma de percepção externa" (Ibid., p. 89). O sentimento de ódio, perante o objeto amado, é projetado para fora e volta de fora para o sujeito sob a forma de ódio persecutório: é ele que me odeia, já que me persegue, o que me desculpa por odiá-lo. Assim, "aquilo que foi internamente abolido retorna desde fora" (Ibid., p. 95), como se fosse uma percepção externa. Essa construção explica o delírio persecutório que Schreber desenvolve em relação a Flechsig. O antigo médico, a quem Schreber dedicava os mais devotos sentimentos, agora o persegue, esforça-se por matar sua alma e se alia a Deus para transformá-lo em mulher.

O delírio erotomaníaco nega o objeto da sentença original, mudando o sexo do objeto: não é a ele que amo, é a ela. O que se transforma, em virtude do mecanismo de projeção em: ela me ama, portanto posso amá-la. Na paixão erotomaníaca, o sujeito se convence que o outro lhe dá inúmeros sinais que o ama, por isso passa a amá-lo com a mais absurda, indiscreta e ruidosa paixão.

No delírio de ciúmes, o que se processa é a substituição do sujeito da frase original. O sujeito é substituído por um sujeito do sexo oposto: não sou eu que o amo, é ela que o ama. Freud destaca a incidência dos delírios alcoólicos de ciúmes, e também destaca que o delírio de ciúmes nas mulheres obedeceria à mesma formação: "a mulher ciumenta suspeita do marido em relação às mulheres por quem ela própria é atraída, devido ao seu homossexualismo e ao efeito disposicional de seu narcisismo excessivo". (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 87) Neste tipo de formação delirante, não há nenhuma necessidade de projeção, já que desde o começo supõe-se que o processo se inicie no outro.

O quarto e último tipo de delírio, o delírio megalomaniaco ou de grandeza desautoriza a proposição como um todo: não amo de modo algum - não amo a ninguém. Freud (Ibid., p. 71) afirma, porém, que é preciso que a libido se invista em algum lugar, desta forma, esta proposição equivalerá, que a libido está investida em mim mesmo. Se não amo a ninguém, só amo a mim mesmo.

Sendo a psicose considerada por Freud (Ibid., p. 95) como um desinvestimento da libido dos objetos e do mundo externo e um retorno mais ou menos acentuado da libido ao eu, pode-se explicar a grande manifestação do delírio de grandeza, onde a libido liberada dos objetos vincula-se ao eu e é utilizada para o engrandecimento deste, fazendo-se assim um retorno ao narcisismo, sendo o único objeto sexual o próprio eu.

No caso de Schreber, Freud (Ibid., p. 92) demonstra que, no momento da eclosão de sua doença, o que se processa é a experiência de "fim de mundo" (Ibid.), onde se verifica, que o paciente retirou das pessoas de seu ambiente, e do mundo externo em geral, as catexias libidinais até então dirigidas a eles. Assim, tudo se torna irrelevante e indiferente para ele, acredita ser o único homem real deixado vivo e as demais pessoas ao seu redor, que ainda reconhecia, as considerava como "homens apressadamente improvisados"(Ibid.). Logo em momento posterior, chega, também, a acreditar-se morto e em decomposição, lê em um jornal o comunicado de sua própria morte. A vivência de morte e de decomposição demonstram a profunda experiência de abalo, vivida no real, frente a ruptura dos laços libidinais objetais do sujeito, que ocorre com o desencadeamento da psicose. Porém, este desastre é superado, à medida, que frente ao abandono dos investimentos objetais, o sujeito concentra a libido em si mesmo, passando a superestimar-se. Fato que se mostra evidente em Schreber, na segunda fase de seu delírio, que se constitui na construção do delírio megalomaniaco de "ser a mulher de Deus". Neste momento, se reconhece como objeto do gozo da pessoa de Deus, com a intenção de gerar, com este, uma nova humanidade.

É notável, que na contextualização do caso Schreber, Freud encontra duas fases de construção delirante como defesa frente à fantasia homossexual: a primeira fase persecutória, onde a idéia de transformação em mulher, é tida pelo sujeito como resultado de uma conspiração efetuada para fins de abusos sexuais, sendo encarada como imposição e grave injúria, uma arbitrariedade que o persegue, violando sua carne ("contrária a Ordem das Coisas"). A Segunda fase da construção delirante, megalomaníaca, trata de uma feminilização não mais imposta, mas consentida, onde Schreber passará da convicção de ser submetido a uma perseguição arbitrária, à convicção de um sistema de crenças, apoiando-se em um culto da feminilidade que se oferece a Deus para a procriação de uma nova geração, tendo como finalidade a salvação do mundo. Sua transformação em mulher estaria servindo a vontade do criador. Como "Mulher de Deus", Schreber acredita ter um papel fundamental para a evolução da humanidade.

Essa construção delirante megalomaníaca - ser a "Mulher de Deus" - além de satisfazer sua fantasia homossexual (pela transformação em mulher), permitirá que Schreber construa para si um corpo imaginário; corpo louco, sem dúvida delirante, porém, distanciado das invasões do Outro. A aceitação em se ver e se exhibir com traços femininos, enfeitando-se como uma mulher, demonstra que as manifestações hipocondríacas, o desfalecimento de seu corpo, o estado mortificado de putrefação e despedaçamento, vivenciados na eclosão de sua doença, são substituídos por uma idealização e reunificação de seu corpo, no processo de feminilização, o que lhe permite uma retomada narcísica. Acreditando salvar o mundo, Schreber realiza a sua própria salvação.

Freud assegura: "a formação delirante, que presumimos ser o produto patológico, é, na realidade, uma tentativa de restabelecimento, um processo de construção"

(FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 94-95). Uma forma de o sujeito poder reaver, mesmo que de forma precária, até mesmo persecutória, sua relação com as pessoas e coisas do mundo. Frente à catástrofe do seu mundo subjetivo, o paranóico, pela via do delírio, reconstrói seu mundo, "não mais esplêndido, é verdade, mas pelo menos de maneira a poder viver nele" (Ibid.).

Schreber começa a escrever suas "Memórias", ao mesmo tempo em que começa a vivenciar em seu corpo o processo de feminilização. Em 1903, publica suas "Memórias", e faz um apelo às mais altas autoridades que consintam a comprovação de seu estado de feminilização. Apela que seu delírio seja reconhecido e aceito, como forma de estar no mundo, de sair do estado de morte para possibilidade própria, subjetiva de estar vivo:

Depois de tudo isso, não me resta mais nada senão oferecer minha pessoa ao julgamento dos especialistas, como objeto de investigação científica. Esse convite é o principal objetivo que persigo com a publicação do meu trabalho. Na pior das hipóteses, resta-me esperar que um dia, com a dissecação do meu cadáver, possam ser constatadas peculiaridades comprobatórias no meu sistema nervoso, dado que sua constatação em corpos vivos, conforme o que me foi dito, se acompanharia de dificuldades extraordinárias ou se revelaria impossível (SCHREBER, 1995, p. 270)

Procurando, até aqui, ser fiel à análise freudiana da relação causal entre homossexualidade e paranóia, permito-me, neste momento, levantar algumas considerações, que, apesar de não expressas no texto de Freud, podem ser subentendidas. Parto da advertência de Lacan: "A relação disso tudo com a homossexualidade, certamente manifesta no delírio, parece-nos exigir uma determinação mais detalhada do uso que se possa fazer desta referência na teoria" (1998 [1957], p. 574).

Apesar do destaque dado por Freud à relação entre homossexualidade e paranóia, é interessante observar, que na análise do caso Schreber, Freud aponta a evidência de uma homossexualidade atípica, diferente da até então trabalhada no estudo que desenvolve sobre Leonardo Da Vinci (1970 [1910], v. 11, p. 53). Em Schreber, nota-se, como se vê destacado no texto, que não se trata de uma escolha homossexual como em Leonardo, mas ao contrário, da irrupção, em um determinado momento da vida de um sujeito, de uma fantasia homossexual sob a qual o sujeito se vê abruptamente tomado, o que o deixa absolutamente transtornado:

Enquanto foi sadio, o Dr. Schreber, cujos delírios culminaram por uma fantasia de desejo de natureza inequivocamente homossexual, não havia, segundo afirmam todos, demonstrado quaisquer sinais de homossexualismo no sentido comum da palavra. (FREUD, 1976 [1911]: 82 V., XII).

Tanto no estudo de Leonardo Da Vinci, quanto no estudo de Schreber, Freud busca a compreensão para a homossexualidade manifesta, como sendo decorrente de uma fixação no narcisismo. Esta abordagem da homossexualidade, Freud já houvera trabalhado, em nota acrescentada, em 1910, nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", ao versar, no primeiro ensaio, sobre a escolha de objeto no caso dos invertido, mostrando a alusão a um contexto identificatório na origem da escolha homossexual de objeto - identificação com a mãe.

Em todos os casos investigados constatamos, que os futuros invertidos atravessaram, nos primeiros anos de sua infância, uma fase muito intensa, embora muito breve, de fixação na mulher, (em geral, a mãe) após cuja superação identificaram-se com a mulher e tomaram a si mesmo como objeto sexual, ou seja, a partir do narcisismo buscaram homens jovens e parecidos com sua própria pessoa, a quem eles devem amar tal como a mãe os amou (FREUD, 1989 [1910], v. VII, p. 136).

Porém, se é no texto de Freud que colhemos alguma semelhança entre as causas das manifestações homossexuais em Leonardo e Schereber, é também, no texto de Freud, que nos deparamos com diferenças cruciais. No ensaio sobre Leonardo Da Vinci, Freud (1970 [1910], v. XI, p. 76) demonstra a significação homossexual, da recordação infantil de Leonardo, a saber, a do abutre que lhe pousara no berço e introduzira a calda em sua boca, que corresponderia "à idéia de um ato fellatio, um ato sexual, no qual o pênis é introduzido na boca da pessoa envolvida" (Ibid., p. 80). Após identificar o abutre como símbolo materno (Ibid., p. 81), Freud investiga que na fantasia a cauda do abutre que fustiga a boca da criança, não estaria representando o seio na possível amamentação, mas o pênis (Ibid., p. 86). Porém, para compreender como é possível a presença do pênis em um pássaro que representa a mãe, Freud (Ibid., p. 87-88) recorre às teorias sexuais infantis, na premissa da universalidade do pênis, onde o genital masculino é compatível com a imagem da mãe fálica. A homossexualidade é então atribuída ao horror frente à descoberta da castração da mãe, diante da qual o sujeito regride ao narcisismo, identificando-se com a mãe, tomando-se a si mesmo como modelo, a partir do qual escolhe seus novos objetos de amor. Ao escolher outros homens como parceiros, o sujeito escolhe a mãe preservada em seu aspecto fálico, na medida que seus parceiros também são detentores do pênis:

Desse modo, ele transformou-se num homossexual. O que de fato aconteceu foi um retorno ao auto-erotismo, pois os meninos que ele agora ama, à medida que cresce, são, apenas, figuras substitutivas e lembranças de si próprio durante sua infância - meninos que ele ama da maneira que sua mãe o amava quando ele era uma criança. Encontram seus objetos de amor segundo o modelo do narcisismo, pois Narciso, segundo a lenda grega era um jovem que preferia a sua própria imagem a qualquer outra, e foi assim transformado na bela flor do mesmo nome (FREUD, 1970 [1910], v. XI, p. 92).

Nota-se que nos Três Ensaio e em Leonardo, a identificação com a mãe fálica é tratada como uma escolha, uma posição homossexual, onde o retorno ao narcisismo é

decorrente de uma reação, uma defesa, em relação à castração da mãe. A escolha de objeto homossexual aparece então como uma negação da castração. Apesar de negada, a castração aí está incluída. Freud demonstra que este contexto se relaciona com uma escolha de objeto homossexual, que advém de um profundo vínculo erótico com a mãe, transformado pelo recalque em uma identificação igualmente intensa, de onde nasceu a inclinação homossexual que, no entanto, não ameaça a identidade sexual do sujeito.

Na paranóia de Schreber, o sujeito se defende construindo seu delírio, não da castração, mas de uma irrupção de uma fantasia homossexual. A feminilização de Schreber não é uma escolha, mas algo que retorna para o sujeito, que se impõe a ele, causando-lhe extremo horror. Esta vivência coloca em perigo sua identidade sexual, pois ele se vê tomado no real de sua carne por um processo abrupto de feminilização. Não podemos falar, neste caso, de uma homossexualidade referida à castração, ou seja, ao Édipo, como no neurótico ou no perverso, onde a inclinação homossexual se realiza como um acordo mais ou menos eficaz entre o reconhecimento e a negação da castração.

Lacan (1999 [1957-58], p. 214), no Seminário 5, assegura que a homossexualidade se estrutura a nível de um Édipo pleno e acabado. Apesar dos traços de homossexualidade estarem vinculados a uma relação erótica muito profunda com uma mãe cuidadosa e sedutora, e à presença de um pai distante e frágil, como Freud (1970 [1911], v. XI, p. 91) observa em Leonardo, isso não quer dizer que o pai não tenha entrado em jogo. É notável que Freud, ao desenvolver a questão da homossexualidade de Schreber, insistia, dando ênfase, em uma fixação "por tempo inusitadamente longo" (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 83) no estágio do narcisismo, não fazendo, desta forma, nenhuma referência à castração e ao Édipo, como em Leonardo.

Porém, a que se refere esta homossexualidade atípica, não atrelada ao Édipo, que Freud aborda como causa da paranóia, que irrompe em momento específico, crucial na vida do sujeito? E, o que determina esta irrupção? Lacan formulará que não se trata de uma homossexualidade, uma vez que o psicótico não vivenciou a travessia edípica, mas da emergência de um fenômeno que vem presentificar, no momento da eclosão do surto psicótico, o não posicionamento do sujeito frente à partilha dos sexos, como consequência da forclusão do Nome-do-Pai. Lacan chamará este fenômeno de empuxo-à-mulher, o qual não poderá ser considerado como causa precipitadora da psicose, mas como efeito da falha simbólica, ocasionada pela forclusão do Nome-do-Pai no Outro.

O chamado do sexual, como causa desencadeadora da psicose, bem como o empuxo-à-mulher, como consequência deste chamado serão os temas abordados no próximo tópico deste capítulo.

2 EFEITOS DO ENCONTRO COM O SEXUAL NA PSICOSE, DO DESENCADEAMENTO À POSSIBILIDADE DE ESTABILIZAÇÃO: UM ESTUDO LACANIANO

*Deus criou o homem
O homem criou Deus
O homem é mulher
Mulher é homem*

*Eu queria tanto governar uma vidinha boa.
(Fragmentos de sessão)*

2.1 MOMENTO PRÉ-PSICÓTICO: BENGALAS IMAGINÁRIAS

A forclusão do Nome-do-Pai e a conseqüente ausência da significação fálica, enquanto condição estrutural da psicose, determina o não posicionamento do sujeito psicótico na partilha dos sexos. Porém, este estado à deriva em relação a uma possível identificação ao tipo ideal do sexo, devido ao desamparo da norma fálica, só se torna aparente após o desencadeamento, ou seja, a partir do surto psicótico. Antes do desencadeamento, o sujeito se conduz aparentemente como as demais pessoas, socialmente falando, consegue se adaptar às situações cotidianas sem manifestar maiores dificuldades. Lacan, no Seminário 3, chega a pronunciar que “nada se parece tanto com uma sintomatologia neurótica quanto uma sintomatologia pré-psicótica” (LACAN, 1988 [1955-56], p. 219).

No exemplo do caso Schreber (FREUD, 1976 [1911]: v. XII) observa-se que o desencadeamento de sua psicose ocorrera somente aos 51 anos, quando aparece todo o transtorno em sua identidade sexual. Antes desta data, sua vida pode ser considerada normal, até mesmo exemplar, pois mantém uma vida conjugal satisfatória, só importunada pelo fato da impossibilidade de ter filhos e sua carreira profissional como jurista é premiada de êxitos, com várias honrarias e promoções, chegando ao ponto culminante de ascensão ao ser nomeado juiz presidente do Tribunal de Apelação de Dresden.

Diante da constatação desta estabilidade do sujeito, em momento anterior à eclosão dos sintomas psicóticos, surgem as questões: quais arranjos, que recursos são utilizados, neste período da vida, para compensar a falha simbólica, na medida em que aquilo que se apresenta desde sempre como condição estrutural na psicose é a forclusão do Nome-do-Pai? Como o sujeito se sustenta na ausência deste significante primordial que dá

acesso ao simbólico e que possibilita a significação da existência humana, dando-lhe referências para que se situe a partir da norma fálica enquanto homem ou mulher?

Lacan (1988 [1955-1956], p. 232) afirma que a função do pai não é simplesmente de gerar, mas de possuir de direito a mãe, instaurando a lei do Édipo, que dá condição de acesso para filho ao posicionamento sexual. Diante dessa afirmação interroga: “Que se passa se uma certa falta se produziu na função formadora do pai?”; e responde: na impossibilidade da realização do significante pai a nível simbólico, resta ao sujeito a imagem a que se reduz a função paterna (Ibid., p. 233). No entanto, o pai carecendo de sua função simbólica, é uma imagem que não se inscreve em nenhuma dialética triangular, oferecendo, desta forma, não uma mediação simbólica, mas um modelo de alienação especular. Ainda assim, possibilita ao sujeito um ponto de ancoramento que lhe permite apreender-se no plano imaginário. Desta forma, por falta de referência simbólica o sujeito se encontra capturado no plano imaginário, onde a relação dual e desmedida com o outro, característica do estágio do espelho, é a tônica.

Lacan, em 1955, nomeia de pré-psicose o momento que antecede o abismo, ou seja, este momento anterior ao desencadeamento, quando o sujeito vai buscar a compensação para a despossessão primitiva do significante, que condiciona a virilidade, em uma série de identificações com personagens que lhe darão a noção do que fazer para ser um homem. Estas identificações atuam como bengalas imaginárias que possibilitam que certos psicóticos vivam por muito tempo compensados, tendo aparentemente comportamentos comuns, considerados como normalmente viris. O exemplo de um banquinho de três pés é utilizado por Lacan para ilustrar este momento pré-psicótico em que o sujeito se sustenta no apoio imaginário (Ibid., p. 230):

Nem todos os tamboretos têm quatro pés. Há aqueles que ficam em pé com três. Contudo, não há como pensar que venha faltar mais um só senão a coisa vai mal. Pois bem, saibam que os pontos de apoio significantes que sustentam o mundinho dos homenzinhos solitários da multidão moderna são em número muito reduzido. É possível que de saída não haja no tamborete pés suficientes, mas que ele fique firme assim mesmo até certo momento, quando o sujeito em certa encruzilhada de sua história biográfica, é confrontado com este defeito que existe desde sempre. Para designá-lo, contentamo-nos até o presente com o termo *verwerfung*. (LACAN, 1988 [1955-1956], p. 231).

O mecanismo do *como se* abordado por Helene Deutsch, que se refere a uma dimensão significativa da sintomatologia dos esquizofrênicos, é estendido por Lacan (1988 [1955-1956], p. 220) à vivência pré-psicótica, a fim de esclarecer a falta de autenticidade característica deste momento. Na pré-psicose, independente do acesso do sujeito a algo que possa realizá-lo no tipo viril, por intermédio de uma imitação, de uma colagem imaginária, passa a se comportar como se fosse um homem:

A maior parte das observações psicanalíticas deste artigo, trata de estados que comportam uma relação estreita com a despersonalização, mas que diferem da despersonalização, na medida em que eles não são percebidos como perturbação pelos próprios pacientes. A esse tipo especial de perturbação eu dei o nome de “*como se*”. Eu devo insistir no fato de que esse nome não tem nada a ver com o sistema de “*ficção*” de *Vaihinger* e a filosofia “*como se*”. Minha única razão para empregar este rótulo tão pouco original para o tipo de seres que eu quero representar é que cada tentativa para compreender a maneira de sentir, de viver desse tipo impõe ao observador a irresistível impressão de que toda a relação do indivíduo à vida tem qualquer coisa em si que falta autenticidade e é, portanto, concebida exteriormente “*como se*” fosse completo. (DEUTSCH, 1942 [1970], p. 224-225)

Este mecanismo de “*como se*” é ilustrado, no Seminário 3 (LACAN, 1955-1956:, p 219-220) com um exemplo muito interessante: trata-se de um adolescente que, em período pré-psicótico, tenta conquistar a tipificação de uma posição viril, por intermédio de uma imitação, de um atrelamento a um de seus companheiros. Como este, e nas suas passadas, torna-se possível as primeiras manobras sexuais da puberdade, a masturbação principalmente, passando a se identificar com ele por uma série de exercícios denominados de

conquista sobre si mesmo. Como ele, se interessa por uma menina, a qual, como por acaso, é a mesma pela qual seu companheiro se interessara. Todo o seu comportamento em relação ao amigo lhe serve como elemento piloto de sua tentativa de estruturação no momento da puberdade.

A “pré-psicose deve ser tomada ao pé da letra” (LACAN, 1988 [1955-6], p. 230), à medida que representa esse momento limite em que “o sujeito chegou à beira do buraco” e só aí não se precipitou devido ao anteparo das muletas imaginárias. Porém, o que será que subitamente torna insuficientes as bengalas imaginárias, determinando que o sujeito transponha o limite do abismo, que ocasiona o descarrilamento, a quebra abrupta das referências existenciais e que determina o desencadeamento de uma psicose?

2.2 O DESENCADEAMENTO: O CHAMADO DO SIMBÓLICO

Em “De uma questão preliminar [...]”, Lacan (1998, [1957-1958], p. 564) formulará que na entrada da psicose, o que se verifica é que o lugar do Nome-do-pai não responde no Outro a não ser por um puro e simples buraco. O desencadeamento da psicose corresponde ao momento em que frente a determinados acontecimentos e vicissitudes da vida, frente a um chamado do simbólico, o sujeito precisa fazer um apelo ao significante do Nome-do-Pai que jamais adveio no lugar do Outro, e neste momento, nada lhe vem ao auxílio. “O que é falho intervém e interroga” (LACAN, 1988, [1955-1956], p. 230), os modelos não bastam mais como respostas a tais interrogações e no lugar do simbólico presentifica-se um buraco, um vazio. Desta forma, a psicose só se torna manifesta quando este significante, que

não responde no Outro, a não ser como um simples buraco, aparece de forma alucinada no real. O que explica o aforismo lacaniano, baseado em sua leitura freudiana de que: “o que é foracluído no simbólico retorna no real” (LACAN, 1988, [1956-1957], p. 98).

Podemos ler, em Lacan, no texto dos Escritos dedicado à psicose:

A *vewerfung* será tida por nós, portanto, como foraclusão do significante. No ponto em que, veremos de que maneira, é chamado o Nome-do-Pai, pode, pois responder no Outro um puro e simples furo, o qual, pela carência do efeito metafórico, provocará um furo correspondente no lugar da significação fálica. (LACAN, 1998 [1957-8], p. 564).

Para que a psicose desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai *vewerfung*, foracluído, isto é jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito (Ibid., p. 584).

Nesse mesmo texto, aparece o conceito de Um-pai, como sendo, exatamente este apelo do sujeito ao Nome-do-Pai, quando esse não pode ser inscrito no âmbito da estrutura. Lacan (Ibid.) diz, ainda que este chamado é de um pai real, não se tratando forçosamente e em absoluto do pai do sujeito, mas de Um-pai, que se situe em posição terceira na relação que tem por base a dupla imaginária a-a. Dessa forma, esse Um-pai se impõe fazendo uma triangulação vindo desestabilizar o par imaginário, em que o sujeito precariamente se mantinha, levando com que este se defronte com a falha que sempre existiu e que, até então, se mantinha camuflada pela referência imaginária.

O desencadeamento é então um termo reservado à ausência do significante do Nome-do-Pai e conjuga uma causa acidental (o encontro com Um pai), a dissolução de um elemento estabilizador (uma identificação) e a operatividade de uma causa específica (a foraclusão do significante paterno) (DRUMOND, 2000, p. 11).

Lacan (1998 [1957-59]: 584) comenta três situações de desencadeamento, obtidas a partir da clínica com mulheres psicóticas, que são decorrentes deste encontro

“dramático” com Um-Pai desestabilizador de uma identificação imaginária. Estas situações são: a figura do marido para a mulher que acaba de dar à luz; a figura do confessor para a penitente que confessa seu erro; o encontro com o pai do rapaz, para uma mocinha enamorada.

Ao abordar o caso Schreber, com esta concepção a respeito da causa precipitadora do desencadeamento da psicose, Lacan, diferente de Freud, irá argumentar que o que ocasionou a irrupção da psicose de Schreber não seria a defesa frente à fantasia homossexual que culminou na construção delirante, mas sim o apelo do simbólico frente à promoção para o cargo de juiz presidente do Tribunal de Apelação de Dresden, no qual Schreber se vê convocado ao exercício da função paterna, posto que neste cargo seria encarregado das leis:

Vejam em que momento de sua vida a psicose do presidente Schreber se declara. Mais de uma vez, ele esteve em situação de tornar-se pai. Ei-lo a um só tempo investido de uma função considerável socialmente, e que tem muito valor para ele – ele se torna presidente do tribunal de apelação. [...] Ei-lo introduzido no ápice da hierarquia legislativa, entre homens que fazem leis e que tem todos mais vinte anos que ele – perturbação da ordem das gerações. [...] Essa promoção de sua existência nominal solicita dele uma integração renovadora. Trata-se de saber se o sujeito se tornará, ou não, pai (LACAN, 1988 [1955-6]: 359-360)

Schreber passa a sua vida conjugal na esperança frustrada de ter filhos, e eis que em determinado momento de sua história é chamado a ocupar este lugar simbólico de pai, ao qual não pode responder. Lacan pergunta e responde: “Qual é o significante que é posto em suspenso em sua crise inaugural? É o significante procriação em sua forma mais problemática [...] que não é a forma ser mãe, mas a forma ser pai” (Ibid., p. 329).

Lacan afirma que a função de ser pai, só é concebível na experiência humana pela via do significante (Ibid., p. 329-30). Ter relações com uma mulher e engravidá-la jamais outorgará o estatuto de pai no sentido de procriar. A função de procriar enquanto significante é outra coisa. É preciso que a elaboração da noção de ser pai ocorra a partir de um trabalho que se produziu por um jogo de trocas culturais, levada ao estado de significante primeiro, e este significante deverá ter sua consistência e seu estatuto. É notável, a partir do desencadeamento da psicose de Schreber, frente ao chamado para ocupar este posto de representação simbólica da função paterna, que "o presidente Schreber está faltando, segundo o que se sabe, deste significante fundamental que se chama ser pai" (Ibid., p. 330). Devido à forclusão do significante paterno, o sujeito se vê impossibilitado de responder a esse chamado do simbólico para ocupar a função para a qual foi destinado. E o que aparece no lugar desse vazio é a eclosão do surto psicótico.

2.3 O ENCONTRO COM O SEXUAL: UM CHAMADO DO SIMBÓLICO

O primeiro contato sexual com o outro sexo pode, também, se constituir como um chamado do simbólico, pois o sujeito se vê aí convocado a significar a diferença entre os sexos, ou seja, a exercer a função fálica. Este encontro com o sexual, não amparado pelo significante fundamental que daria esteio ao sujeito para que se posicionasse na partilha dos sexos, na maioria das vezes o assola deixando um rastro de profunda perplexidade. Esse episódio é muito comum nos relatos de desencadeamento da psicose na adolescência, pois é o momento onde irão acontecer as primeiras experiências sexuais. É o que justifica a grande incidência de surtos psicóticos nessa fase da vida.

No decorrer de uma sessão de análise, Fernando traz fatos de sua história na tentativa de entender o que ocasionou o que chama de sua “loucura” (vozes desenfreadas, em alto som, que o atormentam incessantemente). “Quando tinha treze anos, uma menina da minha sala da escola me levou ao banheiro. Chegando lá, levantou a saia, tirou a calcinha e me mostrou aquilo. Fiquei chocado, não compreendi nada (repetiu várias vezes, não compreendi...). Fiquei paralisado, ali mesmo, sem saber o que fazer. Quando saí dali, não consegui mais levantar a cabeça, só andava com a cabeça baixa. Só aos quinze anos, resolvi levantar a cabeça. Passei a andar nas ruas como as meninas gostam: coluna reta, ombros aprumados, pernas bem abertas. Quando fui trabalhar na Paraibuna de Papéis, com o peso da lenha na cabeça, as vozes começaram aí, a loucura chegou de verdade. Antes deste emprego, existiam as vozes e as imagens, mas eram baixinhas, a vida era uma delícia. Com a chegada da loucura, fiquei feio, desleixado, fedorento, não escovo os dentes e as meninas não me olham mais”.

Nesse relato, percebe-se que o encontro com a menina no banheiro denota o encontro com a falta que o sexo feminino apresenta, porém, por se tratar de um caso de psicose, este encontro com o real do outro sexo é impossível de ser significado. O que resta para ele então? É a perplexidade, presentificação do puro enigma, puro buraco, pura falta sem nenhuma possibilidade de significação. Porém, no decorrer de sua vida, este sujeito tenta fazer um remendo imaginário, se prendendo a um estilo de como devem andar os homens. Arranjo, porém, precário que não se sustenta frente ao novo chamado do simbólico: o seu primeiro emprego. Como nos adverte Lacan:

Ali onde não há material simbólico, há obstáculo, falha, na realização da identificação essencial a realização da sexualidade do sujeito. Essa falha provém do fato de que, num ponto, o simbólico

está falto de material – pois lhe é preciso algum. O sexo feminino tem uma característica de ausência, de vazio, de buraco, que faz com que aconteça ser menos desejável que o sexo masculino no que ele tem de provocante, e com que dessimetria essencial apareça [...].

É na medida em que a função do homem e da mulher é simbolizada, é na medida em que ela é literalmente arrancada do domínio do imaginário para ser situada no domínio do simbólico, que se realiza toda a posição sexual normal, consumada. É pela simbolização a que é submetida, como uma exigência essencial, a realização genital – que o homem se viriliza, e que a mulher aceita verdadeiramente sua função feminina. (LACAN, 1988 [1955-56], p. 202-203).

O ato sexual, também, pode se constituir como um chamado do simbólico.

Muitas psicoses se desencadeiam na vivência do primeiro encontro sexual, devido ao inevitável enfrentamento com o Outro sexo que aí se impõe. Em um encontro sexual de um homem com uma mulher é necessária a presença de três elementos, sendo o falo o terceiro elemento intermediário, sem o qual é impossível qualquer encontro: “Para que o ser humano possa estabelecer a relação mais natural, aquela do macho com a fêmea, é preciso que intervenha um terceiro” (Ibid., p. 114).

No texto dos Escritos, “A significação do falo”, Lacan comenta que o ato sexual só é concebível por intermédio da castração viabilizada pela lei do pai, que possibilita ao sujeito se identificar com o tipo ideal de sexo e conseqüentemente responder às necessidades do parceiro sem graves incidentes:

o complexo de castração inconsciente tem uma função de nó: numa regulação do desenvolvimento que dá a esse primeiro papel sua ratio, ou seja, a instalação, no sujeito, de uma posição inconsciente sem a qual ele não poderia se identificar com o tipo ideal de sexo, nem tão pouco responder, sem graves incidentes, às necessidades de seu parceiro na relação sexual, ou até mesmo acolher com justeza as da criança daí procriada (LACAN, 1988 [1958], p. 692)

Grave incidente é o que Marcos relata ter ocorrido, em um encontro sexual com uma mulher em uma casa de prostituição: “quando entrei no quarto, estava ela lá, deitada

na cama. Ela olhou bem dentro dos meus olhos, e disse uma frase de uma só vez: - Me arrebenta! Tive um verdadeiro horror, como poderia arrebentá-la? A partir deste dia, não fui mais o mesmo, perdi o rumo, e esta mulher nunca deixou de me perseguir”. Com este relato, Marcos revela o encontro com o real impossível de ser simbolizado. “Me arrebenta!”, frase que lhe cai, de uma só vez, como uma pedreira, sem disfarces, na medida em que, em sua fragilidade estrutural, não pôde metaforizá-la e conceber-se em uma posição viril, a fim de possuir uma mulher que se apresenta como objeto para um homem. O resultado desse encontro é a eclosão da psicose, a perda das referências imaginárias e a construção de todo um sistema delirante persecutório.

Pedro, também, descreve o terror que sentiu nas relações sexuais vividas: “É horrível, tenho horror de lembrar, quando transo com uma mulher parece que estou em cima de uma morta”. Percebe-se que Pedro, com esta fala, se refere ao encontro com o real do corpo não simbolizado, corpo carne, corpo que morre. Corpo mortificado, devido “à falência do falo em organizar, e orientar, o recorte do corpo pela linguagem, e da sua incapacidade para unificar a imagem em volta do logro que mascara a ausência radical” (FINGERMANN, 1995, p. 293).

Em um artigo freudiano “Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica da doença” (FREUD, 1974 [1915], v. XIV, p. 297), é desenvolvido o caso de uma mulher de 30 anos que desenvolve um delírio persecutório, em relação a um homem, com quem manteve sua primeira relação sexual. Devido à carência da significação fálica, frente à falta do significante do Nome-do-Pai, que poderia dar-lhe um sentido, uma referência ao que estava ocorrendo, no momento das carícias preliminares, escuta um ruído, um barulho que vem de fora, que aparece do real de forma alucinada. Resposta do real que supre o efeito

da significação fálica inexistente, e em relação à qual vai construir seu delírio persecutório com a seguinte idéia: Quando saiu da casa de seu amante, viu dois homens, um deles com uma caixa nas mãos, o que a levou a pensar: a caixa seria uma máquina fotográfica e o homem um fotógrafo que ficara escondido. O ruído que escutara, não poderia deixar de ser o barulho do obturador. Sendo assim, uma fotografia foi feita no exato momento em que ele a vira numa posição comprometedor. A partir deste momento, nada podia lhe tirar a convicção de sua suspeita em relação ao amante.

2.4 A DISSOLUÇÃO IMAGINÁRIA

Como foi desenvolvido acima, antes do surto psicótico, a realidade é sustentada devido ao apoio das bengalas imaginárias. O chamado ao Nome-do-Pai foracluído do simbólico, provocará um abalo nestas referências, acarretando o que Lacan (1988, [1955-56], p. 106) denomina de dissolução imaginária. Este fato vem revelar a hiância imaginária devido á carência da significação fálica (Φo) decorrente da foracclusão do Nome-do-Pai (NPo), pois o falo, que é a resultante da metáfora paterna, aparece em oposição ao Nome-do-Pai, correspondendo ao mesmo ponto topológico. Daí NPo: Φo . Sendo assim, na estrutura psicótica, ao apelo do Nome-do-Pai responde um furo desse próprio significante, e pela carência do efeito metafórico, ocasiona um furo correspondente no lugar da significação fálica (LACAN, 1998 [1957-58], p. 564), ocasionando o descarrilhamento da cadeia significante que revelará o desastre imaginário, como Lacan nos esclarece na seguinte passagem:

É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante (LACAN, 1998 [1957-58], p. 584).

Tem-se, então, que os fenômenos de dissolução imaginária, que ocorrem no desencadeamento de uma psicose, são a manifestação desta hiancia imaginária decorrente da carência simbólica. O que faz com que no surto psicótico se revele um duplo furo, que se presentifica do lado do simbólico, e do lado do imaginário como consequência do primeiro. Fato que vem revelar a presença da psicose na estrutura:

Tudo parece mostrar que a psicose não tem pré-história, mas acontece apenas que, quando em condições especiais, [...], alguma coisa aparece no mundo exterior que não foi primitivamente simbolizada, o sujeito se vê absolutamente desarmado. O que se produz então tem o caráter de ser absolutamente excluído do compromisso simbolizante da neurose, e se traduz em torno de um outro registro, por uma verdadeira reação em cadeia ao nível do imaginário (LACAN, 1988 [1955-1956], p. 104).

O sujeito, por não poder restabelecer de maneira alguma o pacto do sujeito com o outro, por não poder fazer uma mediação simbólica qualquer entre o que é o novo e ele próprio, entra em um outro modo de mediação, completamente diferente do primeiro, substituindo a mediação simbólica por um formigamento, por uma proliferação imaginária, nos quais se introduz, de maneira deformada, e profundamente a-simbólica, o sinal central de uma mediação possível (Ibid.).

O saber no qual o psicótico se organizava fora da crise, agora, com a eclosão do surto psicótico, não vale mais e se revela o “Crepúsculo da realidade” (Ibid., p. 234), trazendo a vivência de “fim de mundo”, a clareza da morte, a falta de sentido, o encontro com o real devido à ausência do véu resultante da mediação simbólica. Presentificando-se para o sujeito a fragmentação, a deformação da imagem, o despedaçamento do corpo, que se torna invadido, mortificado, à mercê do gozo desenfreado do Outro. O que caracteriza a elisão do falo como terceiro elemento mediador, e à regressão tópica ao estágio do espelho, onde o sujeito passa a operar no registro imaginário estando assujeitado aí aos caprichos do Outro.

Este fenômeno de dissolução imaginária pode ser ilustrado na primeira fase da doença de Schreber, que é caracterizada como o momento esquizofrênico de sua experiência, sobre o qual este relata a vivência da morte em vida, do despedaçamento da alteridade e da identidade imaginária, com o gozo retornando sobre o seu corpo, sem nenhuma mediação, sem barra (Ibid., p. 115)

Sobre esse retorno ao estágio do espelho, característico do momento de desencadeamento da psicose, no qual se presentifica a submissão ao Outro numa relação dual-alienante, Lacan comenta:

Esse fenômeno (o assassinato d almas), que é para Schreber o sinal de entrada na psicose, pode tomar para nós, comentadores – analistas, toda a espécie de significações, mas o único lugar que ele pode ser colocado é no campo imaginário. [...] Há aí uma relação puramente dual, que é a fonte do próprio registro da agressividade [...] e de seu surgimento quando se acha curto-circuitada a relação triangular, edipiana, quando esta é reduzida à sua simplificação dual (Ibid., p.343).

De repente, me vi numa estrada que não conhecia e que não me levava a lugar nenhum [...], quando se sabe da morte a vida perde o sentido”, revela um paciente ao comunicar o sentimento de descarrilamento vivido com a irrupção da psicose. Esse relato traduz a metáfora de Lacan, quando concebe o significante do Nome-do-Pai como uma estrada principal, que dá sentido à existência do sujeito. “Como o significante não é nunca solitário, como ele sempre forma alguma coisa de coerente – é a significância mesma do significante - a falta de um significante leva necessariamente o sujeito a reconsiderar o conjunto do significante” (LACAN,1988 [1955-1956, p. 231). Quando se presentifica a ausência deste significante primordial, desta estrada principal o sujeito se torna errante, sem destino, sem referências que o oriente. E o que lhe resta? É o defrontar-se, sem anteparo, com o real. O apelo ao significante foracluído do simbólico ecoa no real, põe-se a falar no real,

denotando a presença das alucinações auditivas, fenômeno característico deste momento do desencadeamento:

Para levar um pouquinho mais adiante minha metáfora, eu lhes direi - como fazem aqueles que agente chama os usuários da estrada , quando não há estrada principal, e que se trata de passar por pequenas estradas para ir de um ponto ao outro? Eles seguem os letreiros postos na beira da estrada. Isso quer dizer que, ali onde o significante não funciona, isso me põe a falar sozinho à beira da estrada principal. Ali onde não há a estrada, as palavras escritas aparecem nos letreiros. Talvez seja isso a função das alucinações auditivas verbais de nossas alucinações – são os letreiros na beira do caminho (LACAN, 1988 [1955-1956], p. 330-331).

Esse momento da dissolução imaginária, também, vai acarretar, para o sujeito, todo um transtorno na sua identidade sexual, revelando seu estado estrutural de errância em relação ao posicionamento na partilha dos sexos, pois, fora da possibilidade de significar seu sexo pelas vias do falo, com o desmoronar de suas referências imaginárias, o sujeito perde sua possibilidade de identificação a um modelo de posição sexual, com o qual se nomeava e se apresentava em seu cotidiano.

Tal acontecimento traz um sentimento de profunda perplexidade, o que, talvez, nos revele o desenho, a seguir, feito por um usuário em uma oficina terapêutica no CAPS Casaviva:



FIGURA 1 - Desenho produzido por usuário em oficina de arte – II

FONTE - Oficina de Arte do CAPS Casaviva, 2000.

Na figura, observamos um sujeito assolado pela presentificação do puro enigma, submerso em interrogações, sem nenhum anteparo imaginário, revelando um corpo fragmentado e disforme. Na região dos genitais, vê-se nádegas (abolição da diferença sexual), o que não demonstra a bipartição dos sexos, posto que não denuncia a castração, à medida que esta é revelada a partir da oposição presença-ausência que a diferença sexual anatômica impõe. A tentativa de construir o masculino e o feminino aparece de forma tênue, sem relevância, como está expresso no lado esquerdo inferior do desenho:

Lacan, no Seminário 3, em 1955, reconhece este momento de errância, no caso Schreber, quando ao chamado do simbólico, frente à nomeação para o cargo de juiz

presidente do tribunal de Apelação de Desdrem, no intervalo entre sua nomeação e posse, é subitamente invadido pela fantasia de que: “afinal de contas deveria ser bom ser uma mulher e submeter-se ao ato da cópula”(FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 62). Fantasia frente à qual Schreber reage com profunda indignação, pois jamais houvera integrado nenhuma forma de posição feminina (LACAN, 1988 [1955-1956] 102), o que lhe traz a sensação de um estado se “confusão pânica”:

O nosso presidente Schreber vive alguma coisa que é da natureza da perplexidade. [...] Está atormentado com estranhos pressentimentos, é bruscamente invadido por essa imagem, aquela menos propícia, parece, para entrar no espírito de um homem de sua espécie e de seu estilo, segundo o qual deveria ser muito bom ser uma mulher sendo copulada. É um período de confusão pânica (Ibid., p. 219).

Lacan concebe que essa intrusão deste pensamento, até então inconcebível, como a presentificação do puro enigma, ou seja, a emergência no real de uma significação que não se remete a nada, na medida em que não pode ser ligada a nada, posto que jamais entrou no sistema de simbolização do sujeito, que se refere a função feminina em sua função simbólica, ou seja, a significação do desejo da mãe (Ibid., p. 102). O Nome-do-Pai tem a função de metaforizar o significante do desejo da mãe, permitindo que tal desejo seja significado pela significação fálica. Na psicose, a forclusão do Nome-do-Pai faz com que permaneça enigmático o desejo da mãe, o qual retorna do real, a céu aberto de forma enigmática para o sujeito. “Na relação do sujeito com o símbolo, há a possibilidade de uma Verwerfung primitiva, ou seja, que alguma coisa não seja simbolizada, que vai se manifestar no real” (Ibid., p. 98) Que retorna para o sujeito no real de seu corpo, impondo-lhe uma desvirilização, um estado de feminilização forçada, o que é vivido no primeiro tempo da manifestação doença de Schreber persecutoriamente e com grande repugnância.

André apoiava a sua virilidade em uma identificação com seu avô paterno, o qual considerava um grande homem. Exibia com profundo orgulho o sobrenome que dele herdara. Sua psicose se desencadeia com a morte de seu avô, pois este, enquanto vivo, lhe possibilitou um nome, uma identificação imaginária. Porém, esta identificação com o nome do avô não se constitui na possibilidade de uma nomeação simbólica, em uma herança que lhe outorgasse uma posição, um nome para além da morte. Assim, com a morte do avô, perde-se o nome, perdem-se as referências, e sua posição viril é ameaçada. Escuta, por todos os cantos, vozes que o chamam de veado. Sente-se como “uma verdadeira mulherzinha”. A sua fragilidade simbólica, também, inviabiliza a conformidade de uma imagem no espelho. Diz que sua imagem sempre lhe parece estranha, esquisita, deformada. Apesar de dizer que quer namorar, não sabe se portar diante das meninas, fracassando em toda a oportunidade de encontro. Em uma sessão revela: “Com dezoito anos, não sabia o que era masturbação, nunca tinha me masturbado. Os pais é que devem dar sentido destas coisas para agente. Meus pais sempre foram fracos, meu pai vive deprimido, deitado, tomando remédio. Por isso não sei entender as coisas do mundo – É difícil me relacionar com as mulheres”.

Percebe-se que este estado de feminilização forçada, no qual o sujeito se sente abruptamente tomado, como o que fora relatado no caso André, e que se mostra tão evidente na irrupção da psicose de Schreber, vem revelar este estado do sujeito, na psicose, não referido à norma fálica. Trata-se de um gozo foracluído do simbólico, que retorna do real, não podendo, assim, ser considerado sexual. Dessa forma, diferente do que Freud (1976 [1911], v. XII, p. 62) considerou no estudo do caso Schreber, a teorização lacaniana irá apontar que este estado de feminilização, não poderá ser considerado como causa da psicose, mas como efeito do não posicionamento do sujeito na partilha dos sexos.

2 O EMPUXO-À-MULHER

Lacan, em 1973, em “L’Étourdit” vai denominar de “empuxo-à-mulher” (1973, p. 22), a orientação feminina para o gozo na psicose, ou seja, a esta vivência de feminilização que diz de um gozo não referido à norma fálica. O empuxo-à-mulher é o efeito da irrupção de “Um-pai”, como sem razão, sentido como o forçamento para o campo do Outro, a ser percebido como o mais estranho de todos os sentidos (Ibid.).

Esta irrupção de Um-Pai torna-se desestabilizadora, estranha a todos os sentidos, determinando o efeito do empuxo-à-mulher devido a falha do pai no lugar de exceção. Retomando as “fórmulas quânticas da sexuação” (LACAN, 1985[1972-73], p. 108), elaboradas por Lacan no Seminário Mais Ainda, vê-se que é a exceção paterna, este ao menos um não referido à norma fálica ($\exists x \Phi x$), ou seja, este ao menos um, neste contexto, não castrado, que viabiliza o universal da castração e a orientação de todos os homens pela vertente do falo ($\forall x \Phi x$). A exceção é o que vem, então, confirmar a regra, o universal de todos os homens. A castração é o que limita e induz a posição viril, possibilitando que os homens se identifiquem com a vertente daqueles que têm o falo. A forclusão do Nome-do-Pai, determina a falha na exceção paterna, daí se revelar na psicose a impossibilidade de se estabelecer o universal de todos os homens, ou seja, a impossibilidade do sujeito se localizar como sexuado pela vertente do falo. Schreber já anunciava esta precariedade estrutural quando bem dizia que a raça humana nada mais representava que “imagens de homens feitos às pressas” (SCHREBER, 1995, p. 99).

Assim, Lacan (1973, p. 22) vai sustentar que esta irrupção de Um-pai, frente à não existência da exceção paterna na psicose força o sujeito em direção a um gozo fora dos

— —

limites fálicos, que é específico do primeiro quantificador, do lado feminino, das fórmulas quânticas da sexuação ($\exists x \Phi x$) determinando o empuxo-à-mulher. Este quantificador do lado feminino ($\exists x \Phi x$) diz da impossibilidade de se dizer do universal das mulheres, posto que não existe a exceção, ou seja, não se pode dizer de nenhuma que se exclua da castração, apontando que há algo no gozo feminino que escapa, que não é redutível ao gozo fálico, que diz de um além. Um Outro gozo, “louco”, “fora do significante”, suplementar que Lacan compara ao gozo místico (1985 [1972-1973], p. 103).

Sobre esse gozo “louco” para além do falo, que tem um elo com a loucura e a mulher, Miller comenta:

Schreber nos fala com tanto élan, um gozo que pode ser intolerável, mas que tem um elo com a loucura e a mulher, um elo que se conhece a muito tempo, que conduz a pensar que as mulheres seriam loucas, porque os loucos por um lado são mulheres. Pode-se sempre buscar esse ponto de gozo especial e excessivo, nos loucos. Schreber é o exemplo paradigmático disso e Lacan escreveu o matema: o efeito de empuxo-à-mulher. [...] Um efeito de feminilização do louco e que traduz muito especialmente a forclusão do Nome-do-Pai (MILLER, 1997, p. 70).

Esta solução feminina para o gozo na psicose, devida à elisão do falo, também, pode ser lida no texto lacaniano, em 1958, em “De uma questão preliminar [...]”: quinze anos antes do que Lacan formulou em “L’Étourdit”. No texto de 1958 lê-se: “[...] na impossibilidade de ser o falo que falta à mãe, resta-lhe a solução de ser a mulher que falta aos homens” (1998 [1957-58], p. 572). Ao dever ser o falo, o psicótico é levado a se situar do lado da mulher. O psicótico se encontra aí, como uma mulher, no lugar de objeto. É por não ter, que a mulher deseja ser o falo, se transformando no que ela não tem - o objeto fálico:

Por mais paradoxal que possa parecer esta formulação, dizemos que é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade,

notadamente todos seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada (LACAN, 1998 [1958], p. 701)

Porém, se um paralelo entre o gozo psicótico e o gozo feminino se impõe, podendo ser lidos no mesmo quantificador lógico ($\exists x \Phi x$), caberia aqui perguntar em que diferem. Retomando as fórmulas quânticas da sexuação, Lacan (1985 [1972-73]: 98) vai fundamentar, que no caso das mulheres há uma relação com a fórmula da inexistência da exceção, fazendo com que estas escapem da generalização falocêntrica. No entanto, há uma segunda fórmula, que as submete, apesar de “não-toda”, à função fálica ($\forall x \Phi x$) (Ibid., p. 100). O que determina, que apesar das mulheres experimentarem um gozo “suplementar”, este estará sempre bordeado pelo gozo fálico, que nada tem haver com o gozo ilimitado da psicose, que como vimos, retorna para o sujeito do real como presentificação do puro enigma.

É interessante destacar que o retorno no real, deste gozo feminino sem limite, não ancorado pelo simbólico, não se restringe a irrupção de um pensamento, mas traz para o sujeito sensações cinestésicas de transformação do corpo, que se inscreve com a marca de uma desvirilização . Como vimos no caso Schreber, após a fantasia de que deveria ser bom ser uma mulher submetida à cópula, com a deflagração de sua psicose, este passa a ter a sensação de uma verdadeira transformação em mulher (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 62). Schereber chega a solicitar exames médicos para a verificação das mudanças ocorridas em seu corpo, para que se constate sua condição feminina. O que nos revela, como indica Lacan, (1998 [1957-1958], p.575) que na psicose o sujeito experimenta um gozo transexual, gozo não fálico, consequência da forclusão do Nome-do-Pai, não podendo, assim, ser confundido com o gozo homossexual:

A questão homossexual da paranóia apreendida por Freud é menos uma causa do que um dos efeitos da falta da inclusão do Nome-do-Pai no Outro, da falta da mediação simbólica entre um sujeito e outro. Trata-se pois e um fenômeno imaginário que nada tem a ver com a homossexualidade neurótica ou perversa, pois o sujeito psicótico é ex-sexo e, portanto, sua problemática não é homo, mas como a situa Lacan, transexual (QUINET, 1997, p.19)

2.6 A ESTABILIZAÇÃO: A RECONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA

Como foi até aqui descrito, o fenômeno do empuxo-à-mulher é a experiência, na psicose, deste gozo não limitado pelo falo, que se manifesta diante da dissolução imaginária, devido ao apelo do simbólico, vindo refletir a errância do sujeito na partilha dos sexos. Porém, se é a experiência de feminilização, que em um primeiro momento diz dessa passagem abrupta a um estado de disvirilização, é também, pela via do empuxo-à-mulher, que o sujeito pode traçar, por mais paradoxal que possa parecer, a possibilidade de uma solução possível, um limite ao gozo, uma restauração imaginária. A tentativa de compreender este aparente paradoxo é o que pretendo aqui descrever como um último ponto de reflexão.

O caso Schreber (FREUD,1976 [1911], v. XII, p.15) pode ser tomado como a descrição de um caso paradigmático, no qual se percebe com muita precisão o momento de desencadeamento e o momento de estabilização, onde a questão da feminilização se impõe como ponto central. Nota-se que se no desencadeamento, na primeira fase da doença, entre o momento de indignação devido a eviração até sua aceitação, o sujeito se vê aí submetido, a um gozo imposto, mortal que advém do Outro. Schreber está horrorizado, perplexo frente à vivência de feminilização, sente-se perseguido, julgando ser alvo de uma conspiração de seu médico, que lhe impõe uma condição feminina a fim de abusos sexuais. Vive uma degradação

de sua imagem, sente-se morto e em decomposição. Chega a dizer ser “um cadáver leproso que carrega outro cadáver leproso” (SCHREBER, 1995, p. 91-92), sendo a raça humana considerada como nada mais que homens apressadamente improvisados (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 92). Seu mundo é desinvestido, o que Freud, considera como a retirada da libido dos objetos e do mundo externo e retorno ao eu (Ibid., p. 93), que corresponde à experiência de “Fim de Mundo”, que nada mais representava que a “projeção de sua catástrofe interna; que seu mundo subjetivo chegou ao fim” (Ibid., p. 94).

Num primeiro tempo, este gozo do Outro, imposto deletério, em relação às fronteiras do corpo e perturbador de suas funções, está ligada à ameaça de eviração –Entmanung - que conota - não a castração, Lacan insistiu nisto – mas a sua falta, seja a significação de um gozo não fálico que exclui que Schreber seja gozado como homem , e que, mais além do que ele chama sua honra, seja mortal para o sujeito. Um gozo foracluído do simbólico que retorna desde o real , e em si mesmo não é sexual. (SOLER, 1991, p. 155).

Em um segundo momento da enfermidade de Schreber, é pela via da aceitação, de uma reconciliação com seu estado de transformação em mulher que o sujeito pode construir, como Lacan (1998 [1957-1958], p. 584) assim denomina, a “metáfora delirante” - A mulher de Deus. Neste momento de sua construção delirante, não só aceita a condição feminina, mas a encara como um dever, apoiado em um sistema de crenças, nas quais deve se oferece a Deus como uma mulher, a fim de procriar “uma nova raça de homens” (FREUD, 1976 [1911], v. XII, p. 67). Assim, como Mulher de Deus, Schreber acredita estar cumprindo um papel fundamental para a salvação da humanidade. A sua emasculação não é mais concebida como uma calamidade, uma arbitrariedade, mas “consonante com a Ordem das coisas”, instrumento para a recriação da humanidade (Ibid.). Ao aceitar sua nova condição de mulher o sujeito reconquista um estado de estabilização com a restauração imaginária e recomposição de sua realidade com um reinvestimento libidinal de seus objetos:

Agora, contudo, escreve, dei-me claramente conta de que a Ordem das Coisas exigia imperativamente a minha emasculação, gostasse eu não ou não disso pessoalmente, e que nenhum caminho razoável se abre para mim exceto reconciliar-me com o pensamento de ser transformado em mulher. A outra consequência de minha emasculação, naturalmente, só poderia ser minha fecundação por raios divinos, afim de que uma nova raça de homens pudesse ser criada (Ibid., p. 36)

Assim, no desencadear da psicose o empuxo-à-mulher vem denunciar a falha na exceção paterna, fazendo com que se desvele para o sujeito sua condição estrutural de não vinculação ao universal da norma fálica, o que, em um primeiro momento é vivido com horror, devido à dissolução das referências imaginárias viris. No entanto, é pela via de uma aceitação, de uma reconciliação com esta condição feminina, ou seja, pela via da própria condição estrutural, que se pode pensar uma solução para a psicose. Pois o empuxo-à-mulher, ao mesmo tempo que denuncia a falha do pai no lugar da exceção, é a possibilidade de se criar a exceção, ou seja, supri-la.

No empuxo-à-mulher, o sujeito cria a exceção ao encarnar, ao subjetivar a mulher que não existe, ou seja, a - ao menos uma - não submetida à norma fálica, viabilizando, assim, a exceção que vem suprir a exceção paterna foracluída do simbólico. O delírio de Schreber é testemunho do empuxo-à-mulher neste lugar de exceção, pois na posição de “mulher de Deus”, torna-se único, detentor de um gozo sem limites, fora da castração. Assim Schreber, por falta do Nome-do-Pai, faz a mulher, inventa a mulher que não existe. “Se ele chega a aceitar a posição de ser a Mulher de Deus é porque esta lhe permite sustentar o significante ‘Mulher’” (QUINET, 1997, p. 43). Ou seja, na ausência da metáfora paterna, uma

outra metáfora se produziu. O advento da metáfora delirante Mulher de Deus tem como função suprir o Nome-do-Pai foracluído do simbólico.

O efeito de empuxo-à-mulher, produzido pela falta de uma existência que funda o universal da função fálica como função de castração é o pivô estrutural da dita erotomania de Schreber. É surpreendente constatar que a mulher na qual Schreber se torna, distingue-se pelas características de seu gozo. Ele o sublinha com insistência e precisão: ela deve encarnar a exceção de uma volúpia sem limites, enquanto que para todos, diz Schreber textualmente, os limites se impõem. Citemo-no: “No que me concerne, esses limites cessaram de se impor e, num certo sentido, se transformaram em seu contrário, a saber um dever de gozo. Schreber transformou-se em Um, ou antes, em Uma a quem é permitido gozar sem limites. Como dizer mais claramente que a mulher Schreber supre a função do pai? A falta da exceção paterna que, fundando o universal da castração, teria feito Schreber ingressar na ordem da castração para todos, a lógica da estrutura não permite outra alternativa ao sujeito, senão encarar a exceção (SOLER, 1991, p. 157)

“A Mulher enquanto Nome-do-Pai tem a função de amarração, de ponto de basta, permitindo ao sujeito dar significação aos seus significantes e daí construir seu mundo por intermédio da significação delirante” (QUINET, 1997, p. 43). Função de ponto de basta, que faz limite ao gozo e consente a estabilização da psicose e uma restauração imaginária, que permite a recomposição de sua realidade. A Mulher-Schreber, no lugar da exceção, é a condição para a criação de um universal, ou seja, a criação redentora de uma nova raça humana que doravante era constituída de ”homens apressadamente improvisados”.

Lacan insiste sobre o fato de que a chave da reviravolta de Schreber não é a megalomania, e ele critica Freud por ter aceitado esta solução. Não é somente porque ele se torna mulher de Deus que ele pode aceitar ser mulher, portanto há um outro traço que me parece muito importante, é a referência a ordem do universo. Sem dúvida vocês se lembram de que Schreber termina por elaborar penosamente a idéia de que sua transformação em mulher é necessitada pelo bom ordenamento do universo e, que no fundo, é a condição para que ele seja, de alguma sorte, o redentor de uma humanidade futura. O que quer dizer, que muito exatamente, a mulher vem para ele no lugar de Ideal do Eu. Isto implica seu eu ideal feminino correlato ao gozo transexual no qual ele se estabiliza (SOLER, 1991, p. 135)

O corpo que na primeira fase da doença se revelava putrefeito, mortificado, fragmentado, adquire consistência e contorno através do investimento na imagem escópica das formas femininas. De fato, esta imagem-reflexo com a qual Schreber cultivava a beleza e a volúpia, da qual ele é o único espectador, veste-o, protege-o, antes de tudo da fragmentação corporal, que o ameaça incessantemente. As preocupações hipocondríacas e os ataques ao corpo são substituídos por uma idealização e reunificação, através de uma prática transexualista, em que Schreber, diante do espelho, testemunha sua transformação em mulher. O que lhe permite tomar uma posição frente ao não posicionamento na partilha dos sexos. Através da imagem refletida do espelho, testemunha uma localização para o gozo, que tendo encontrado sua inscrição como feminino se liga à imagem e à pulsão escópica, restaurando assim uma versão sexuada para o gozo, que por não ser versão simbólica, não deixa de ser menos regulado:

É preciso sublinhar o restabelecimento correlativo de sua relação com a realidade. Esta se torna possível de ser vivida na medida da estabilização e da pacificação de sua relação ao Outro. A regulação não menos surpreendente de seu gozo, acompanha isso. Ela se localiza no roteiro transexual. No espelho, Schreber testemunha um gozo que, por ter encontrado sua inscrição como feminino, liga-se doravante à imagem e à pulsão escópica. Assim encontra-se restaurada uma versão sexuada do gozo que, que por não ser versão edípica, não deixa de ser menos regulada (SOLER, 1991, p. 156).

Schreber escreve suas Memórias, a fim de provar para o mundo a veracidade e a necessidade de sua transformação em Mulher, para que sua construção delirante fosse reconhecida, aceita, tivesse ouvidos, como forma própria, subjetiva de reaver, mesmo que delirantemente, sua realidade e seus laços sociais. Após oito anos de internação psiquiátrica, em 14 de julho de 1902, é considerado curado, consegue alta hospitalar, recupera sua capacidade civil, e a livre disposição de seus bens lhe são devolvidas, volta a viver junto com

sua mulher e de uma menina de treze anos que é adotada pelo casal e se reintegra ao trabalho, conservando, porém, com todo seu peso de convicção sua idéia de transformação real em mulher.

A partir de então, escrevi na minha bandeira, com plena consciência, o culto à feminilidade e, à medida que a consideração pelo ambiente o permita, continuarei a fazê-lo, pensem de mim o que quiserem aqueles a quem escapam as razões sobrenaturais. Gostaria de ver qual o homem que tendo que escolher entre tornar-se louco com aparência feminina ou tornar-se mulher e são de espírito, não preferiria a última alternativa. Mas é desse modo e apenas desse modo que a questão se coloca para mim [...]. Sem me preocupar com o julgamento dos outros, permito-me tomar como guia um sadio egoísmo, que me prescreve o culto da feminilidade de modo que depois descreverei mais precisamente Só assim consigo proporcionar ao me corpo durante o dia um estado suportável e à noite, pelo menos em certa medida obter o sono necessário à recuperação dos meus nervos (SCHREBER, 1995, p. 148)

REFERÊNCIAS

- DEUTSCH, Hélène. Divers troubles affectifs et leurs rapports avec la Schizophrénie, 1942. *La psychanalyse des névroses*. Paris: Payot, 1970.
- DRUMOND, Cristina. *Curinga: Há algo de novo nas psicoses*. Belo Horizonte, EPBP-MG, p. 10-17, abr. 2000.
- FINGUERMANN, Dominique Touchon. “O corpo na psicose.” In: *ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE. Imagem rainha: as formas do imaginário nas estruturas clínicas e na prática psicanalítica*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1995. p. 287-295.
- FREUD, Sigmund. Obras completas ESB, Rio de Janeiro: Imago, 1970.
(1910) “*Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos*”, v. XI.
(1913[1911]) “*O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos*”, v. XII.
(1905[1901]) “*Um caso de histeria, Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos*”, v. VII.
(1917[1914]) “*A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos*”, v. XIV.
- LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 537-590.
- LACAN, Jacques. A significação do falo. In: *Escritos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 692-703.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Trad. Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 4: a relação de objeto (1956-1957)*. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente (1957-1958)*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LACAN, Jacques. *O seminário, livro 20: mais ainda (1972-1973)*. Trad. M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LACAN, Jacques. L'Étourdit. In: *Scilicet 4*. Paris: Seul, 1973.
- QUINET, Antônio. *Teoria e clínica da psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

SCHEREBER, Daniel Paul. *Memórias de um doente dos nervos*. Trad. Marilene Carone. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SOLER, Colette. *Artigos clínicos*. Trad. Elena Lopes Cólb. Salvador: Fator, 1991.

**EFFECTS OF THE MEETING WITH SEXUALITY IN PSYCHOSIS:
A STUDY OF FREUD UNTIL LACAN**

ABSTRACT: This article proposes to investigate the consequences of the symbolic lack in psychosis with regards to sexuality, principally with reference to the position of the subject in the sharing of the sexes, in the body and other meetings with sexuality. On the other hand, the dissertation seeks to give a dimension to the possible resources and solutions which the subject finds for his own structural condition, allowing to suppress this lack which confers a possibility of the conquest of freeing from the errancy in his sexual inscription.

Key-words: Psychosis. Sexuality. Meeting.

**LES EFFETS DE LA RENCONTRE AVEC LE SEXUEL DANS LA PSYCHOSE:
UNE ETUDE DE FREUD À LACAN**

RÉSUMÉ: Cet article veut analyser les conséquences de la carence symbolique pour ce qui est du sexuel, surtout en ce qui concerne la place du sujet dans le partage des sexes, le corps, les rencontres avec le sexuel. Par ailleurs, nous cherchons à mesurer les ressources et issues possibles que le sujet trouve dans sa propre condition structurale lui permettant de guérir cette carence, ce qui lui donne la possibilité d'arriver à un apaisement de son errance par rapport à son inscription sexuelle.

Mots-clé: Psychose. Sexuel. Rencontre.

© 2008 *Psicanálise & Barroco*

Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura

Campus Universitário – ICH – Bairro Martelos

Juiz de Fora, MG - Brasil

Tel.: (32) 2102 3117

dmaurano@psicanaliseebarroco.pro.br

www.psicanaliseebarroco.pro.br